

Kenneth Kaunda: O Homem Por Detrás Do Estadista

Por Alex Vines

Artigo traduzido por Gustavo Mavie



Kenneth Kaunda, o Presidente fundador da Zâmbia, que morreu recentemente aos 97 anos, desempenhou um papel fundamental no apoio ao nacionalismo africano.

Durante os seus 9.860 dias no cargo a partir de 1964, ele lutou pelo governo da maioria de seus vizinhos, hospedando a sede do ANC e da SWAPO (os movimentos de libertação da África do Sul e da Namíbia, respectivamente) em Lusaka e, após perder as eleições em 1991, ele deixou graciosamente e tornou-se um lutador contra HIV/SIDA e um promotor das causas da juventude.

Em 1960, Kaunda assumiu a liderança do Partido da Independência Nacional Unida (UNIP) e conquistou a vitória nas eleições de independência de 1964, encerrando o status legal da Zâmbia como protetorado britânico.

Quase imediatamente, Kaunda foi confrontado pela Declaração Unilateral de Independência dos rebeldes brancos da então Rodésia do Sul (agora Zimbabwe) a 11 de Novembro de 1965. Mais tarde, a Zâmbia independente tornou-se um estado de partido único sob a égide de Kaunda, que é mais conhecido no seu País como KK, e proibiu todos os partidos políticos, excepto a sua UNIP em 1972.

Kaunda governou a Zâmbia benignamente em comparação com muitos de seus pares, introduzindo o humanismo zambiano, influenciado pela fé cristã e o socialismo, bem como o projeto UJAMAA do agora falecido também Presidente tanzaniano Julius Nyerere, que ele tanto admirava.

A história moderna da Zâmbia poderia ter sido diferente se KK tivesse ouvido Nyerere em 1985, para fazer o mesmo e se aposentar. Com uma economia gravemente afectada pelo colapso dos preços do cobre em 1973, agravado por um projeto de nacionalização desajeitado e um programa fracassado de introdução de fazendas estatais, Kaunda estava se tornando cada vez mais impopular.

O endividamento excessivo para compensar resultou na transformação dos zambianos entre as pessoas per capita mais endividadas do mundo. Não foi nenhuma surpresa que depois de sobreviver a uma tentativa de golpe em 1990, e após distúrbios por carências alimentares, Kaunda relutantemente cedeu à exigência de uma eleição multipartidária em 1991, na qual ele e seu partido UNIP foram derrotados.

KK aceitou o resultado e retirou-se. Em uma transmissão através da Rádio e televisão nacionais comovente de âmbito nacional na época, ele disse: “Você ganha algumas e perde algumas eleições”. Ele já havia telefonado para seu sucessor Frederick Chiluba, dizendo-lhe: “Senhor Presidente eleito, o povo da Zâmbia lhe deu um trabalho extremamente difícil. Estou pronto para ajudá-lo, se precisar dos meus serviços. Por enquanto, Deus te abençoe e adeus”.

Conexão Pessoal

Meu contacto com a família Kaunda começou na Universidade de York quando estudei com um dos filhos de KK, Wezi, e ele me convenceu a visitar a Zâmbia em 1988. Também vi seu pai em acção como Presidente da Zâmbia em Dar es Salaam, vestido no seu Imaculado terno Kaunda - uma jaqueta safári combinada com calças - e acenando na mão esquerda, como sempre fazia, um lenço branco.

Alguns anos depois, após sua derrota eleitoral, conheci KK pela primeira vez em Londres em 1992. Ele estava tentando lançar uma fundação para trabalhar pela paz, democracia e desenvolvimento africanos. Já tinha conhecido o seu sucessor Chiluba, que disse no encontro que participei que a Zâmbia era um modelo de democracia em África e que tudo estava à venda pelo preço certo.

KK, por outro lado, descreveu o estreitamento do espaço democrático, descrevendo a hostilidade que ele e seus apoiantes sentiam de seu sucessor, incluindo o facto de ele não ter recebido sua pensão estatal, ter lutado para encontrar uma casa e estava sob

investigação por corrupção. Essa política vingativa de Chiluba o convenceu claramente a retornar à linha de frente da política zambiana em 1994, o que resultou em sua prisão, greve de fome e depois, após intervenção de Nyerere, em prisão domiciliar por seis meses até a acusação contra ele ser anulada.

Durante este período, enquanto eu trabalhava para a Human Rights Watch, estava regularmente na Zâmbia e obtive permissão do inspetor-geral da polícia para visitar KK enquanto estava em prisão domiciliar para verificar seu bem-estar. Sempre fiquei impressionado com sua frugalidade. Não havia sinal de riqueza ou extravagância em sua casa, e sempre aprendi com nossas conversas - embora nunca tenha me convertido à sua culinária. KK disse que parou de fumar e beber álcool, chá e café em protesto contra o colonialismo britânico: sua última xícara de chá foi tomada em 1954. Ele também parou de comer carne vermelha, ovos, frango e peixe. A partir de 1995, KK adotou uma dieta vegetariana de alimentos crus, que ele apontava ser a razão da sua longevidade e boa forma.

Durante minhas visitas, ele refletiu sobre a política e actualidade da Zâmbia e do futebol. Ele defendeu a introdução do Partido único, argumentando que não tinha outra escolha, uma vez que a Zâmbia independente havia sido confrontada por um vizinho hostil imediato, mas que uma vez que ficou claro que o fim do apartheid era irreversível com a libertação de Nelson Mandela em 1990, ele sabia que era hora de renunciar.

Apesar da pressão crescente sobre ele, ele poderia ter constitucionalmente continuado a governar a Zâmbia por mais alguns anos, mas aceitou realizar eleições em 1991, tendo também testemunhado o colapso do Muro de Berlim, e especialmente a revolução violenta na Romênia de 1989, país com quem desenvolveu fortes laços com o então Presidente Nicolae Ceaușescu que acabou sendo morto durante a revolução anti seu regime comunista no País. Ele defendeu suas polêmicas opções de política externa, especialmente o encerramento da fronteira com a então Rodésia do Sul, embora tenha prejudicado a economia da Zâmbia muito mais do que seu vizinho (eventualmente reabrindo-a em 1973); ter-se avistado com o John Vorster, o primeiro-ministro do apartheid da África do Sul em 1975; e ter mantido conversações secretas com Ian Smith, o líder da minoria branca da então Rodésia. Sua decisão de fazer da Zâmbia o segundo país africano a reconhecer Biafra continuou a me intrigar, embora grupos igbos na Nigéria tenham expressado seu apreço.

Legado Duradouro

Quais serão os legados duradouros de KK agora após a sua morte? Um humanista que será lembrado pelos seus fatos a ternos, agitando lençinhos brancos, o seu apego às danças de salão, cantando seus hinos e canções folclóricas, e chorando em público. Ele também será lembrado por ser um político consumado com uma veia implacável para neutralizar os oponentes, mas também capaz de unir a Zâmbia em grande durante grande parte da sua governação e ter projetado a Zâmbia no cenário internacional por três décadas.

A partir de 1994, Kaunda tentou retornar à política, mas não teve apoio popular e foi bloqueado quando Chiluba forçou a aprovação de emendas constitucionais que declaram o ex- “Pai da Nação” como um estrangeiro, pelo simples fato de que seus pais eram originalmente do atual Malawi. Eu vi KK em ação política durante comícios e em 1997, quando ele e seus correligionários foram baleados pela polícia, ferindo o seu aliado Roger Chongwe e um outro num comício político em Kabwe. A polícia certamente estava errada, mas é duvidoso que tenha sido uma tentativa deliberada de assassinato de KK, embora ele tenha usado seu famoso lenço endurecido principalmente com sangue de Chongwe para fazê-lo parecer assim.

A tragédia familiar também influenciou KK. Seu filho Masuzo morreu de HIV em 1986, o que resultou em que inspirou KK a embarcar abertamente numa campanha contra a doença numa época em que muitos de seus pares viam isso como um tabu. E o assassinato de seu terceiro filho e herdeiro político, Wezi, em outubro de 1999, teve todas as marcas de um assassinato político. KK demonstrou seu humanismo ao visitar os pistoleiros condenados na prisão, pedindo que eles não fossem adicionalmente punidos por segundo disse na altura, terem agido por ordem de outros.

Após o assassinato de Wezi, KK retirou-se da linha de frente da política doméstica para se concentrar em conter a propagação do HIV, e trabalhar com os jovens por meio da sua Fundação Kenneth Kaunda. Ele também passou um tempo com seus numerosos netos.

Ele ficou de olho na política, apoiando discretamente a candidatura de Michael Sata à Presidência e continuou a seguir a sorte de seu partido, a UNIP. No início deste ano de 2021, ele endossou seu novo líder, o bispo Trevor Mwamba, aceitando que para seu partido sobreviver, ele precisava deixar de ser liderado pela família Kaunda. Após décadas de declínio, levará tempo para se revitalizar, e as eleições presidenciais e parlamentares de Agosto próximo terão provavelmente lugar mais cedo para que esteja em condições de se sair bem.

O legado de KK será certamente o de pai fundador da nação zambiana. Ele construiu sua infraestrutura humana e física crítica, proporcionando especialmente os serviços universais de saúde e de educação. Ele era um idealista mas também um visionário e, embora às vezes abusasse do seu poder, raramente o fez com extrema violência e nunca visava fins corruptos. Ele morreu de pneumonia no Maina Soko Medical Center, um hospital militar em Lusaka que ele ajudou a estabelecer. Kaunda sempre foi apoiado de perto pela sua esposa, Betty, com quem se casou em 1946 a quem ele será sepultado com no dia 7 de julho. Ela morreu em 2012. Eles tiveram nove filhos.